

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal de Brasília Class.: 95

Data: 15/11/80 Pg.: _____

**Universitários
acham a Funai
paternalista**

O paternalismo da Funai em Santa Isabel do Morro, na Ilha do Bananal, onde vive um grupo karajá, na disputa das terras entre os tapirapés e a empresa Tapi-raguaia; a presença do gado nas pastagens naturais do Parque Indígena do Araguaia; a cachaca e a prostituição são alguns dos problemas apresentados pelos universitários que participaram do projeto-piloto do Sistema de Cadastramento das áreas Indígenas, executando um convênio entre o Projeto Rondon e a Funai. Essa operação especial no Parque do Araguaia absorveu 35 estudantes e ontem o presidente do Projeto Rondon, coronel Sergio Pasquali, apresentou cinco deles à imprensa, com exceção do estudante de Antropologia.

O estudante José Albino Alves, que cursa Turismo e Comunicação e cujo sonho é trabalhar em área indígena, até mesmo como chefe de ponto, voltou satisfeito com o que viu. Ele estagiou em Santa Isabel do Morro, embora acredite que não haja solução para o alcoolismo entre esses índios karajás que aí vivem. "Os homens não querem nada com o trabalho", disse ele, ressaltando que as mulheres trabalham muito. Para ele, o trabalho da Funai "é correto" e a divulgação dos problemas das áreas indígenas é distorcido. "A imprensa distorce tudo", afirmou, acrescentando ainda que "os posseiros não são explorados" e que os karajás de Santa Isabel não gostam de Dom Pedro Casaldáliga, bispo de São Félix, "mas não têm queixas da FAB".

Por sua vez, a estudante de Psicologia Teresa Coimbra apontou como principal problema de Santa Isabel do Morro a relação de dependência dos índios com a Funai, principal gerador do alcoolismo e prostituição. Disse ela que "o problema não é o posseiro, mas a própria política paternalista". Teresa criticou o treinamento dado pelo Projeto Rondon aos universitários dizendo ainda que "é muito precipitada outra ida agora, principalmente em área xavante, onde há muito conflito".

CORREÇÕES

As falhas ao treinamento serão corrigidas, assegurou o coronel Mário Pasquali. Ele lembrou que essa primeira operação foi apenas um teste, prometendo um aprimoramento nas próximas operações de levantamento das áreas indígenas que ao final marcado para 27 de fevereiro terá envolvido 800 universitários e cerca de 20 universidades de todo o país.

Um outro problema sobre a operação foi levantada pelo estudante Luís Fernando de Barros. No Parque do Araguaia — disse ele os universitários permaneceram um dia e meio em cada aldeia "e não deu tempo de ouvir todo mundo". A permanência nas aldeias dificilmente será alterada, objetou o coronel Pasquali, afastando a hipótese de os estudantes permanecerem por uma semana nas áreas a serem cadastradas.

Embora os problemas levantados pelos universitários já sejam de conhecimento da Funai através de queixas dos índios ou relatórios dos funcionários, o coronel Pasquali acredita na validade do trabalho, uma vez que o objetivo do Projeto Rondon "é mostrar a realidade para os universitários, que eles coloquem a realidade em cima da mesa e a partir daí se apresente soluções".

Por sua vez o antropólogo do Departamento Geral de Operações da Funai, Célio Horst, acha importante a participação dos estudantes "porque é impossível para a Funai colocar tantos técnicos nas áreas indígenas e os técnicos que estão na Funai não têm experiência".